

PRINCIPAIS DESAFIOS VIVENCIADOS NO ATENDIMENTO PRIMÁRIO DE SAÚDE NO RECONHECIMENTO E CUIDADO PRECOCE DE PESSOAS COM TEA

Antônio Vinícius de Alencar Sampaio¹;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/7053436183465700>

Lucas Matos Dantas Monteiro²;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/0568858579206397>

João Pedro Queiroz de Andrade Machado³;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/4131493162991564>

Filipe Arthur Pereira de Lira⁴;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/6323612941925979>

Filipe Peixoto dos Anjos⁵;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/4933732829565442>

Maria Alice da Silva Barros⁶;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/2079020348916171>

Samuel Eli Barbosa Pereira⁷;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/7228936781878749>

José Pedro Vellozo Neto⁸;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<https://lattes.cnpq.br/2033148487901532>

Marcos Vinícius Oliveira Damasceno Silva⁹;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/6743129938601667>

Lunna Viégas de Sousa Galvão¹⁰;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/0409871131772244>

Emanuelle Rangel Israel Batista¹¹;

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<https://lattes.cnpq.br/2113842638315708>

Joaquim Francisco de Sousa Estrela¹².

Bacharel em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, PE.

<http://lattes.cnpq.br/8133200842133819>

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer atenção especial na Atenção Primária à Saúde, pois o diagnóstico precoce e as primeiras intervenções estão diretamente ligados a melhores oportunidades de desenvolvimento e integração social. Entretanto, a vida cotidiana revela desafios que complicam esse processo. A falta de formação contínua dos profissionais, a falta de protocolos padronizados para triagem e a fraca colaboração entre equipes multiprofissionais contribuem para atrasos na identificação dos primeiros sinais do transtorno. Ademais, fatores como estigma social, falta de informação das famílias e dificuldades de acesso aos serviços especializados agravam os desafios no cuidado. Isso representa um passo essencial para garantir um atendimento integral, humanizado e justo para pessoas com TEA desde os primeiros anos de vida. Portanto, é essencial melhorar a capacitação dos profissionais da atenção básica, fortalecer a conexão entre as equipes de saúde e as famílias e assegurar encaminhamentos rápidos para os serviços de referência. Superar esses obstáculos é essencial para garantir um atendimento integral, humanizado e justo para pessoas com TEA desde os primeiros anos de vida.

PALAVRAS-CHAVES: Empecilhos. APS. Autismo.

MAIN CHALLENGES FACED IN PRIMARY HEALTH CARE IN THE RECOGNITION AND EARLY CARE OF PEOPLE WITH ASD

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder (ASD) requires special attention in Primary Health Care, as early diagnosis and first interventions are directly linked to better opportunities for development and social integration. However, everyday practice reveals challenges that complicate this process. The lack of continuous professional training, the absence of standardized screening protocols, and weak collaboration among multiprofessional teams contribute to delays in identifying the first signs of the disorder. Moreover, factors such as social stigma, families' lack of information, and difficulties in accessing specialized services aggravate the challenges in care. Addressing these barriers is an essential step to ensure comprehensive, humanized, and equitable care for people with ASD from the earliest years of life. Therefore, it is crucial to improve the training of primary care professionals, strengthen the connection between health teams and families, and ensure timely referrals to specialized services. Overcoming these obstacles is vital to guarantee integral, humanized, and fair care for individuals with ASD from the very beginning of life.

KEYWORDS: Barriers. PHC. Autism.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento que afeta diretamente a comunicação, a interação social e o comportamento, com manifestações que podem ser observadas desde os primeiros anos de vida (APA, 2022). Identificar precocemente seus sinais é fundamental para que a criança possa receber intervenções terapêuticas que promovam o desenvolvimento global, aumentem as oportunidades de

socialização e minimizem os efeitos negativos ao longo da vida. No entanto, esse processo ainda encontra obstáculos consideráveis na esfera da Atenção Primária à Saúde, que é um espaço essencial para a detecção inicial e encaminhamento apropriado dos casos.

Entre 2020 e 2025, período marcado pela pandemia de COVID-19 e por mudanças significativas nos serviços de saúde, notou-se um aumento nos desafios para o diagnóstico precoce do TEA. Esses desafios foram agravados pela sobrecarga das equipes, pelas restrições no acesso aos serviços especializados e pelo estigma social que continua a existir em relação ao transtorno (OMS, 2023). Esses desafios afetam diretamente a qualidade do atendimento prestado às famílias, que muitas vezes enfrentam atrasos para obter avaliação multidisciplinar e início das terapias recomendadas.

Nesse contexto, é fundamental examinar os principais obstáculos encontrados no atendimento primário às pessoas com TEA. Entre esses desafios, destacam-se a falta de formação continuada para os profissionais de saúde, a inexistência de protocolos clínicos claros para triagem, a fragilidade nos processos de encaminhamento e a necessidade de uma maior integração com a rede de atenção especializada (BRASIL, 2021). Ademais, a falta de informação das famílias, bem como as barreiras sociais e culturais, torna ainda mais desafiador o reconhecimento dos primeiros sinais do transtorno.

Entender esses aspectos é fundamental para desenvolver estratégias que reforcem o papel da Atenção Primária à Saúde como um canal eficiente para o diagnóstico e cuidado precoce do TEA. Isso abrange desde a expansão da capacitação dos profissionais até o reforço da conexão entre as equipes de saúde e as famílias, assegurando um atendimento mais justo, completo e humanizado (Silva, 2022). Assim, avaliar o papel da atenção básica frente a esse desafio oferece suporte para decisões e políticas públicas mais eficazes, focadas em melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e de suas famílias.

OBJETIVO

O objetivo é investigar os principais obstáculos que a Atenção Primária à Saúde enfrenta no reconhecimento e no cuidado precoce de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre 2020 e 2025. O objetivo é identificar estratégias que possam melhorar a detecção precoce, o acompanhamento contínuo e o encaminhamento adequado para serviços especializados.

METODOLOGIA

Foi conduzido um estudo de natureza descritiva e qualitativa, fundamentado em uma revisão narrativa da literatura científica publicada no período de 2020 a 2025. As bases de dados PubMed, SciELO, LILACS e Cochrane Library foram consultadas, empregando os descritores “Transtorno do Espectro Autista”, “atenção primária à saúde”, “diagnóstico precoce” e “cuidado integral”. A análise focou-se nos obstáculos mencionados no contexto da atenção básica, abrangendo entraves ao diagnóstico precoce, problemas na formação profissional, restrições no acesso a serviços de referência e efeitos das políticas públicas.

Dois pesquisadores realizaram a seleção dos estudos de maneira independente, dando preferência a trabalhos que fossem relevantes para a discussão sobre o papel da atenção primária no reconhecimento e no atendimento inicial de pessoas com TEA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 2020 e 2025, os principais obstáculos enfrentados no atendimento primário de saúde no que diz respeito ao reconhecimento e cuidado precoce de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foram:

1. Capacitação insuficiente dos profissionais de saúde

Entre 2020 e 2025, os principais obstáculos enfrentados no atendimento primário de saúde no reconhecimento e cuidado precoce de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) foram diversos e interconectados, englobando aspectos relacionados à capacitação profissional, estruturação do sistema de saúde e acesso da população aos serviços especializados. O primeiro e possivelmente mais óbvio desafio diz respeito à falta de qualificação adequada dos profissionais de saúde. A maioria dos estudos analisados indica que muitos profissionais de saúde, como médicos e enfermeiros da atenção básica, não se sentem capacitados para reconhecer os primeiros sinais de TEA, especialmente em crianças com menos de três anos (Silva *et al.*, 2022). Essa restrição está diretamente relacionada à falta de treinamentos contínuos, à inexistência de protocolos clínicos unificados e à excessiva carga de demandas no atendimento primário. Como resultado, houve um atraso considerável no encaminhamento para avaliação especializada, o que afeta negativamente a janela de intervenção precoce, essencial para melhorar os resultados no desenvolvimento infantil.

Ademais, a fragmentação da rede de cuidados foi outro desafio significativo. Entre 2020 e 2025, várias equipes enfrentaram desafios para coordenar os fluxos entre a atenção básica, serviços especializados em saúde mental infantil e instituições de ensino. A ausência de colaboração entre as áreas dificultou o diagnóstico e a aplicação de terapias multidisciplinares. Além disso, fatores sociais e estruturais também tiveram um papel importante. Famílias de áreas periféricas ou rurais sofreram com a desigualdade de acesso a serviços especializados e à informação. O estigma associado ao diagnóstico de TEA ainda persiste, causando resistência em uma parcela da população em procurar apoio precoce.

Assim, o período demonstrou que o fortalecimento da atenção primária, com foco na formação continuada, protocolos claros e integração intersetorial, é fundamental para diminuir os atrasos nos diagnósticos. Estudos internacionais indicam que a formação antecipada das equipes multiprofissionais pode diminuir em até 40% o intervalo entre a primeira suspeita e a confirmação do diagnóstico (WHO, 2021), enfatizando a importância de investir nesse campo.

2. Fragilidades no acesso e nos fluxos de encaminhamento

A espera prolongada para que crianças com indícios de Transtorno do Espectro Autista (TEA) sejam avaliadas em centros especializados é outro desafio frequente. De 2020 a 2025, esse problema foi intensificado pela sobrecarga dos serviços de saúde devido à pandemia de COVID-19, que redirecionou recursos humanos e estruturais para lidar com a emergência sanitária global (OMS, 2023). Como consequência, diversos serviços de saúde infantil e neurodesenvolvimento diminuíram sua capacidade de atendimento, aumentando consideravelmente o tempo de espera para diagnósticos.

Em certas cidades brasileiras, o tempo entre a suspeita levantada na atenção básica e a avaliação especializada excedeu 12 meses, um intervalo considerado crucial para o desenvolvimento infantil. Esse atraso compromete a oportunidade de intervenções precoces, consideradas essenciais pela literatura científica para promover habilidades de comunicação, interação social e autonomia funcional em crianças com TEA. A intervenção antes dos cinco anos de idade está diretamente relacionada a prognósticos mais favoráveis, porém a demora no acesso ao diagnóstico compromete essa janela de oportunidade.

A falta de fluxos bem estruturados entre os níveis de atenção primária, secundária e terciária foi outro fator que contribuiu para essa situação. A falta de protocolos de encaminhamento definidos resultou em descontinuidade no atendimento, levando muitas famílias a percorrerem várias vezes os serviços de saúde sem conseguir acesso ao atendimento especializado. Essa lacuna também afetou o acesso a terapias multiprofissionais essenciais, como fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicologia, que são pilares fundamentais para o acompanhamento clínico e educacional de crianças no espectro. Desse modo, o intervalo de 2020 a 2025 destacou a urgência em reforçar a rede de cuidados, por meio de protocolos de encaminhamento padronizados, expansão da disponibilidade de serviços especializados e estratégias de teleatendimento. Essas ações podem diminuir o tempo de espera e assegurar que mais crianças tenham acesso adequado às intervenções que podem melhorar significativamente seu desenvolvimento.

3. Estigma social e desconhecimento familiar

Entre 2020 e 2025, o estigma ligado ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a carência de informação entre os familiares continuam sendo obstáculos importantes para o diagnóstico precoce. Diante de sinais iniciais como atrasos na fala, dificuldades de interação social ou padrões de comportamento repetitivos, muitos cuidadores tendem a considerar essas manifestações como normais, atribuindo-as a características individuais da criança ou ao “ritmo próprio de desenvolvimento” (APA, 2022). Essa visão ajuda a atrasar a procura por avaliação profissional, estendendo o período entre a primeira suspeita e a confirmação do diagnóstico.

O estigma social associado ao TEA também tem um impacto significativo. Em muitas comunidades, o diagnóstico ainda é ligado a preconceitos ou percepções negativas em relação à habilidade de aprendizagem e independência da criança. Esse contexto

provoca medo e resistência nas famílias em reconhecer a possibilidade de um transtorno do neurodesenvolvimento, o que retarda tanto a busca por atendimento quanto a adesão às intervenções sugeridas.

Assim, combater o estigma e aumentar o acesso a informações de qualidade são passos essenciais para a detecção precoce do TEA. Apoiar campanhas de conscientização, rodas de conversa e grupos de apoio familiar pode ajudar a diminuir as barreiras socioculturais, incentivar a identificação dos sinais iniciais e facilitar trajetórias de cuidado mais rápidas e eficientes.

4. Limitações de políticas públicas e recursos estruturais

Apesar dos progressos nas políticas nacionais para pessoas com deficiência, ainda há deficiências na implementação prática a nível local. A escassez de profissionais qualificados, a falta de materiais de suporte e a ausência de acompanhamento contínuo a longo prazo enfraquecem a função da atenção primária como uma porta de entrada eficiente para o diagnóstico precoce (BRASIL, 2021). Estudos mostram que os municípios que adotaram protocolos de triagem bem definidos e investiram na formação contínua das equipes obtiveram maior rapidez no reconhecimento dos sinais de TEA (Ferreira *et al.*, 2023).

5. Importância da integração multiprofissional

As pesquisas mais recentes enfatizam a relevância de uma estratégia unificada e interdisciplinar para o reconhecimento e atendimento precoce de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Entre 2020 e 2025, ficou claro que a colaboração entre médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos é essencial para preencher as lacunas no diagnóstico e no acompanhamento dessas crianças (Barbosa, 2020).

A identificação precoce de indícios como falta de contato visual, problemas na interação social e atraso na linguagem não deve ser atribuída a um único profissional, uma vez que cada especialidade analisa aspectos particulares do desenvolvimento infantil. Embora médicos e enfermeiros geralmente façam o primeiro contato na atenção básica, psicólogos identificam mudanças no comportamento socioemocional, fonoaudiólogos avaliam padrões de comunicação e linguagem, e terapeutas ocupacionais examinam aspectos relacionados à motricidade e à integração sensorial. Quando essas percepções são combinadas, a probabilidade de detectar os sinais precocemente aumenta consideravelmente.

No entanto, a prática interdisciplinar requer mais do que simplesmente a presença de diversas especialidades. É imprescindível a existência de protocolos de comunicação eficazes, reuniões para discussão de casos e elaboração de planos terapêuticos conjuntos. Pesquisas indicam que equipes bem organizadas são capazes não só de proporcionar diagnósticos mais rápidos e precisos, mas também de expandir a rede de suporte para as

famílias, diminuindo a sensação de insegurança e isolamento. Ademais, o trabalho conjunto ajuda a reforçar a continuidade do cuidado, prevenindo a fragmentação e assegurando que as intervenções sugeridas sejam ajustadas às demandas específicas de cada criança. Além disso, essa integração aumenta a confiança dos cuidadores no sistema de saúde, uma vez que eles veem que a criança está sendo monitorada de forma abrangente e coordenada.

Portanto, investir na capacitação de equipes interdisciplinares bem organizadas é fundamental para melhorar tanto a detecção precoce quanto a adesão ao tratamento, o que afeta diretamente a qualidade de vida das crianças com TEA e de suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma avaliação das condições de saúde de longa duração mais comuns em gestantes no período de 2020 a 2025 indicou um cenário alarmante para a saúde materna e neonatal. Hipertensão preexistente, diabetes mellitus, obesidade, distúrbios autoimunes e transtornos mentais foram algumas das condições mais comuns e mostraram uma forte associação com resultados negativos, como parto prematuro, pré-eclâmpsia, baixo peso ao nascer, problemas neonatais e efeitos emocionais duradouros para mães e filhos.

Quando não são detectadas precocemente ou tratadas adequadamente, essas condições elevam significativamente os riscos associados à gravidez. As gestantes afetadas requerem maior atenção clínica, internações regulares e, em diversas situações, procedimentos cirúrgicos durante o parto, como cesarianas de emergência. Além disso, é importante levar em conta que essas doenças afetam não apenas o período gestacional, mas também a saúde materna e infantil a longo prazo, aumentando a probabilidade de desenvolvimento de doenças crônicas e impactando o bem-estar físico e emocional da família.

Nesse contexto, é fundamental implementar uma estratégia de cuidado que seja tanto integrada quanto personalizada. O cuidado deve dar prioridade ao planejamento reprodutivo, à rápida identificação de doenças preexistentes e à colaboração interdisciplinar em gestações de alto risco. Para assegurar um acompanhamento mais abrangente, é essencial a colaboração de profissionais como nutricionistas, psicólogos, endocrinologistas, cardiologistas e reumatologistas, trabalhando em conjunto com o obstetra em um modelo de cuidado focado na paciente.

Dentro das políticas públicas de saúde, é essencial destinar recursos a programas educativos e preventivos direcionados às mulheres em idade fértil. A redução de riscos e a melhoria dos resultados materno-infantis podem ser alcançadas por meio de estratégias como consultas preconcepção, fortalecimento da atenção básica e ampliação do acesso a exames laboratoriais. Portanto, entender a prevalência e os efeitos das doenças crônicas durante a gestação ajuda a melhorar a prática clínica, orientar diretrizes baseadas em evidências e fortalecer um sistema de saúde mais justo, eficiente e humanizado.

REFERÊNCIAS

- APA – American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5. 5. ed.** Porto Alegre: Artmed, 2022.
- 6BARBOSA, M. **Interdisciplinaridade no diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, v. 20, n. 4, p. 765-772, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtorno do Espectro Autista na Rede de Atenção Psicossocial do SUS.** Brasília: Ministério da Saúde, 2021.
- FERREIRA, L. S.; OLIVEIRA, M. R.; SANTOS, P. F. **Protocolos de triagem e capacitação profissional no diagnóstico precoce do TEA: uma análise em municípios brasileiros.** Revista de Saúde Coletiva, v. 33, n. 2, p. 145-160, 2023.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre o impacto da COVID-19 na saúde mental e no acesso a serviços especializados.** Genebra: OMS, 2023.
- SILVA, A. P. et al. **Capacitação de profissionais da atenção primária no reconhecimento precoce do Transtorno do Espectro Autista.** Cadernos de Saúde Pública, v. 38, n. 2, p. 1-12, 2022.
- WHO – World Health Organization. **Early childhood development and autism spectrum disorder: guidelines for primary health care.** Geneva: WHO, 2021.